

Demolindo a Sociedade Burguesa: Intelectuais e Imprensa Libertária no Ceará

Adelaide Gonçalves
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

Este artigo procura analisar os primeiros esforços de constituição de uma imprensa libertária em Fortaleza, nas primeiras décadas do século XX. A partir das experiências culturais no Liceu do Ceará e na Faculdade de Direito, um grupo de jovens intelectuais se propõe a realizar uma crítica da sociedade através de um jornalismo atuante, de caráter libertário, criando jornais como *O Demolidor*, *Voz dos Graphics*, *O Regenerador* e *O Combate*. É possível avaliar o aparecimento dessa imprensa a partir de três fatores: o crescimento urbano acelerado, a formação de núcleos operários atuantes e o intercâmbio entre operários locais e de outros centros industriais do Brasil e de Portugal.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa – movimento operário – anarquismo

ABSTRACT

This article aims to analyse the very first efforts to constitute an anarchist press in Fortaleza, in the early 20th century. After many experiences in Liceu do Ceará and Faculdade de Direito, a group of young intellectuals tried to create an acting press, in an anarchist way of thinking. They created newspapers like *O Demolidor*, *Voz dos Graphics*, *O Regenerador* and *O Combate*. The appearing of this press was possible due to three factors: the acceleration of the urban growth, the formation of acting labourers groups, and the exchange between local labourers and others from Brazil and Portugal.

KEYWORDS

Press – labour movement – anarchism

Embora não se conheça no Ceará, ao contrário do que aconteceu em outros estados, a partir da década de 90 do século XIX, uma imprensa editada por grupos especificamente anarquistas, alguns jornais cearenses revelam, no seu discurso, valores e afinidades próximos do anarquismo e da estratégia sindicalista revolucionária que caracterizou a prática anarquista

entre o operariado brasileiro até os anos 30 do século XX. Essa é a imprensa que denomino libertária, usando o conceito que os próprios anarquistas forjaram no final do século XIX para se definir como corrente diferenciada de outras vertentes do socialismo.

Os jornais *O Regenerador* (1908), *Voz do Graphico* (1920-1922) e *O Combate* (1921) são os representantes locais de uma imprensa que expressa uma visão de socialismo libertário constituída a partir do pensamento de Pierre Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, mas também das idéias sindicalistas revolucionárias de Émile Pouget e Fernand Pelloutier, que, na França, deram origem ao que viria a ficar conhecido como anarco-sindicalismo.

A influência desse socialismo libertário foi marcante no sindicalismo brasileiro, na imprensa operária e em iniciativas como a das escolas racionais (pedagogia libertária de Francisco Ferrer), a dos centros de cultura social e a do teatro operário que, por todo o Brasil, criaram uma cultura popular anticapitalista, que as sucessivas vagas de repressão dos anos 20 e a consolidação da ditadura de Getúlio Vargas tudo fizeram para tentar destruir, dado o seu potencial subversivo.

O aparecimento dessa imprensa no Ceará está ligado a, pelo menos, três principais ordens de razões, sem hierarquização entre si. A primeira, como já afirmei, resulta das mudanças socioeconômicas que se vão operando no Ceará, na virada do século. A segunda deriva do próprio “fazer-se” do movimento operário no Ceará e das idéias socialistas que começavam a ser esboçadas, desde o final do século XIX, em várias cidades brasileiras.

A terceira advém da relação estabelecida entre os militantes locais e a Confederação Operária Brasileira, com vistas à aplicação, no Ceará, das resoluções dos congressos operários, da tentativa de efetivação de suas resoluções, como ainda do intercâmbio com os grupos editores das folhas operárias do Brasil e de Portugal.

Retomando o movimento das idéias no Ceará, trago à cena alguns fatos que envolvem estudantes e suas publicações, na tentativa de precisar melhor o contexto ideológico da época no Ceará. Algumas memórias dos começos do século XX¹ situam de, modo pertinente, uma certa rebeldia e disposição de contrapor-se à situação dominante de parte dos jovens estudantes do Liceu do Ceará. Nos episódios da greve dos catraieiros², na feitura dos panfletos, jornaizinhos e noutras publicações, os espíritos irrequietos não parecem acomodar-se aos ditames da oligarquia aciolina.

Memorialistas da Fortaleza-Província da década de quarenta reafirmam o velho Liceu do Ceará como lugar que “ajudou a formar a alma

libertária”, lugar de onde “a meninada, talvez e certamente por intuição, saía em bandos a protestar contra tudo que não correspondesse aos seus sonhos de juventude”.³ No dizer das memórias de Blanchard Girão, à condição de aluno do Liceu, se juntava o gosto pelo jornalismo:

Bem distante ficou aquela Fortaleza do menino orgulhoso da sua condição de aluno do Liceu, presente nas passeatas cívicas ou do aprendiz de jornalismo que sorveu da companhia de operário muitas e valiosas lições de vida nas noites insones dos matutinos.

Com que alegria, manhã cedinho, ao dirigir-me para o Liceu, nos barulhentos e lerdos bondes da Light, eu via nas mãos de muita gente o jornalzinho que ajudara a editar, trazendo notícias e comentários sobre os assuntos que diziam mais de perto aos interesses da cidade.⁴

Aqui a memória de Blanchard Girão se encontra com a história de Geraldo Nobre, cuja observação amplia a função do Liceu, como vetor da iniciação literária no Ceará e que, segundo ele, “por motivos óbvios, teve nos jornais o instrumento principal [de vazão da veia literária] visto como os jovens não dispunham de meios para publicar livros”.⁵

Muitos estudantes do Liceu estarão, a seguir, na Faculdade de Direito experimentando o debate e a divulgação das novas leituras. O desenvolvimento das idéias socialistas e anarquistas no Ceará ocorre no contexto das mudanças provocadas pela divulgação das novas idéias progressistas que então chegavam da Europa, diretamente ou através de cidades como Recife e Rio de Janeiro. Na primeira década do século XX, surgem algumas publicações em Fortaleza que denotam a influência das leituras de base cientificista empreendidas pelos jovens estudantes da Faculdade de Direito do Ceará – o naturalismo de Lamarck e Darwin, o positivismo de Comte, o monismo de Haeckel, o evolucionismo de Herbert Spencer, entre outros. Como informa Edigar de Alencar, era um começo de século “com uma certa compenetração dos moços dados às letras. As publicações periódicas, revistas especialmente, são de propósitos elevados. Faziam alarde de sua qualificação literária mas também científica ou filosófica”.⁶

Essas leituras, feitas em pequenos círculos, derivam da curiosidade de alguns e, em maior parte, da influência de determinados professores, Soriano de Albuquerque em primeiro plano. Ilustrativo é seu depoimento, recém-nomeado lente da Faculdade de Direito (1905):

Propunha-me a tornar os meus alunos conhecedores das doutrinas filosóficas materialistas, evolucionista, etc. Era uma verdadeira propaganda das grandes

idéias que julgava necessário, a fim de insuflar uma energia nova no ânimo da nossa mocidade. Operou-se um verdadeiro escândalo no meio intelectual de Fortaleza, a ponto, de encontrando-se comigo, dizer-me o Barão de Studart, com a amabilidade que o caracteriza, que eu estava pregando idéias subversivas. Retorqui-lhe que apenas expunha sistemas filosóficos e não obrigaria estudante algum a aceitar o meu modo de ver, (...) E as idéias filosóficas em vez de serem subversivas, eram formadoras de nosso caráter...⁷

Esse depoimento, verdadeira profissão de fé do professor empenhado em responder as ácidas críticas veiculadas na imprensa local, chamando-o de “plagiário” e “decorador de compêndios”, é revelador dos embates e tensões no campo das idéias que se estão operando em Fortaleza. Como anota João Alfredo Montenegro, é preciso relembra

(...) que era tensa a convivência dos espíritos numa sociedade profundamente vincada pelo confronto entre tradicionalistas e cientificistas (positivistas e evolucionistas). Esses últimos oferecendo roupagem nova ao liberalismo. E é justamente nesse momento que se armam e intensificam campanhas anticlericais (...) com a colaboração de professores e estudantes.⁸

O esforço criador de Soriano de Albuquerque, sua dedicação à investigação filosófica e seu empenho em formar continuadores do debate cientificista são confirmados na memória histórica da Faculdade de Direito, de Thomaz Pompeu, em que destaca a nomeada de Soriano nos meios intelectuais de Fortaleza e a grande influência exercida sobre seus alunos pela “novidade de seu ensino, dogmatismo com que doutrinava, facilidade de exposição, complacência nos julgamentos”, contribuindo para “atrair-lhe as simpatias da mocidade”. Veja-se o depoimento de um de seus diletos alunos:

O certo é que em pouco tempo, comeci a interessar-me pelas preleções de Soriano: entrei a frequentá-lo mais assiduamente, a pedir-lhe explicações de pontos do programa que achava obscuros. Já os nomes de Darwin e Spencer me não feriam com aquela exótica sonoridade em que, de mistura com seu timbre cultural, se insinuasse alguma cousa de satânico (...).

Adepto da filosofia evolucionista, não seria estranhável subordinar-se Soriano de Albuquerque todo o seu ensino à orientação científica daquele sistema. Além disso, não se circunscrevia ele ao estudo exclusivo do direito: compreendia-o mais como uma parte integrante, se bem que diferenciada do fenomenismo universal (...). De maneira que a filosofia jurídica era assim relegada a um plano secundário enquanto toda a atenção do professor e dos discípulos, que o tinham por oráculo absorvia-se com as leis fundamentais da formação dos mundos, com a doutrina da origem e desenvolvimento dos seres, com os problemas sociológicos que, pela primeira vez no Brasil, assumiam a devida importância que realmente merecem nos cursos superiores (...).⁹

Em 1906, Joaquim Pimenta, então cursando o primeiro ano na Faculdade de Direito, juntamente com Raul Uchôa, Mário Linhares, Genuíno de Castro¹⁰, Eurico Matos e Jaime de Alencar, funda a revista *A Fortaleza*,¹¹ onde incursiona pela filosofia escrevendo uma série de artigos condensados sob o título: *A Moral considerada sob três pontos de vista: religioso, metafísico e político*, defendendo um novo modo de interpretar a moral, uma vez que “as doutrinas naturalistas de Lamarck e Darwin, a filosofia positivista de Comte, o monismo de Haeckel e o evolucionismo de Spencer formam o grande edifício sob cujas bases desapareceu todo o valor das teorias teológicas e metafísicas”.

Na revista, é comentado o livro de Soriano de Albuquerque, *O Direito e a Sociologia*, “como uma original classificação dos fenômenos sociais à luz das elevadas concepções sociológicas, assumindo um ponto de vista diferente de Sílvio Romero”.¹² A revista publica também *Pensamentos e máximas* de F. Nietzsche, *Assia*, novela de Turgeniev, com tradução de Joaquim Pimenta, e poemas de Giosué Carducci e Hippolyte Taine.

A revista é saudada por Farias Brito, enxergando nela um exemplo de desenvolvimento e decidido gosto pelos estudos filosóficos. Apresentando-se como uma revista literária, filosófica, científica e comercial, *A Fortaleza* tem seu primeiro número em seis de outubro de 1906 e circula até fevereiro de 1908, editando doze números. Para Mário Linhares, “os rapazes dessa revista, sem egoísmo, sem vaidade, animados dos mais generosos intuitos, ligaram-se à velha guarda, para formar um núcleo de resistência e prosseguir na marcha das idéias (...)”.

O primeiro número da revista traz, na abertura, os versos de Mário Linhares, sob o título *A Imprensa*:

A Imprensa – mar de luz olímpica e sagrada
Onde vogam febris os Colombos do Belo,
Em demanda triunfal da América adorada:
– A Ciência – transcendente e pulcro setestrelô
– Bússola universal que aponta com desvelo
Da Paz e da Equidade a luminosa estrada.
– Oficina do Bem cujo rijo martelo
É a Justiça e a Razão – essa potente espada
– Etna de refulgência em combustão de idéias
– Bandeira que anuncia as magnas epopéias
– Formoso céu azul coberto de clarões,
É a escada luminosa e augusta do Progresso,
É a chave augural que a todos dá ingresso
Ao grandioso atelier das amplas concepções.¹³

Saltam do poema dois termos: Progresso e Ciência. Como em muitas produções do período, são termos que assumiam magnitude de significação no século que findava. O pensamento socialista que se esboça no período é marcado, portanto, por esse duplo, como em Robert Owen, com os *Falanstérios do Progresso*, em Saint-Simon, em Fourier, em Louis Blanc e a *Revue du Progrès* e, no caso do Brasil, com o pernambucano Antonio Pedro de Figueiredo, com sua revista *O Progresso* (1842-1846).¹⁴

Lembrando ainda que a “sedução cientificista”, no dizer de Regina Horta Duarte, não se localiza apenas nas chamadas “ciências sociais”. A literatura comparece também, alimentando e compartilhando o ideário e formas de lutas dos primeiros núcleos socialistas e anarquistas na Europa, como no Brasil. *Germinal* é presença infalível em qualquer biblioteca organizada pelos militantes socialistas libertários. Do mesmo Émile Zola é *Le Naturalisme*, que situa em Diderot e no rompimento com o classicismo a substituição da noção de homem metafísico pela noção de homem fisiológico, uma linha que, para ele prossegue em Stendhal, Balzac e Flaubert.¹⁵

Da repercussão obtida com *A Fortaleza*, mal se finda seu projeto editorial, Joaquim Pimenta trata de fundar *Terra da Luz* (1908). Apresentando-se como uma “revista dos intelectuais do Ceará”, procura afirmar a anunciada qualidade literária e científica, recolhendo as colaborações de Pedro de Queirós, Clóvis Bevilacqua, José do Patrocínio, Rodolpho Theophilo, Soriano de Albuquerque, Cabral de Alencar, Elcias Lopes, Telles de Souza, Irineu Filho, José Lino, Antônio de Castro, Júlio Maciel, Cruz Filho, entre outros. Numa coluna, publica “os pensamentos mais irreverentes” de Nietzsche e traz, em *Página Seleccionada*, os ensaios de Soriano de Albuquerque sobre o *Fator jurídico na integração social brasileira* e do próprio Pimenta sobre *A Dignidade da mulher no cristianismo* (uma polêmica com o padre Valdevino Nogueira). Um artigo, *Ideal Rubro*, salta das páginas da revista para transformar-se em panfleto, conforme refiro mais adiante, confirmando o pendor de alguns para uma militância mais aberta, de contestação e intervenção. *Terra da Luz* é, talvez, a primeira publicação em que Joaquim Pimenta faz a apologia do anarquismo, destacando que “os anarquistas não merecem desprezo, nem devem ser tratados como párias, pois são indivíduos que se empenham na luta regeneradora e alimentam um pensamento grandioso”.¹⁶

Informadas por essas idéias e nesse contexto surgem as primeiras tentativas que combinam conhecimento e pensamento rebelde em Fortaleza. No já distante ano de 1908, prosseguindo na trilha aberta com as revistas *A Fortaleza* e *Terra da Luz*, Joaquim Pimenta, com os colegas da Faculdade de Direito, Adonias Lima e Boanerges Facó, funda um pequeno jornal – *O*

Demolidor – órgão da *Liga Contra os Frades, constituída pela Mocidade Independente*, difundindo o pensamento anticlerical e de sistemática reação à entrada de frades estrangeiros no Brasil.¹⁷

O anticlericalismo era, desde o século XIX, um componente básico do discurso libertário, sendo os textos de Bakunin e Faure, ao lado de outros, como os de Emílio Bossi, referência para os livres-pensadores da época. Alguns dos quais se aproximaram do anarquismo justamente pela afinidade com esse discurso libertário anticlerical. Esse foi o caso, no Brasil, de Benjamin Mota e de Joaquim Pimenta, que parecem haver chegado ao anarquismo por esse caminho.

O jornal *O Demolidor* resulta, em grande medida, da colaboração intelectual estabelecida entre Adonias Lima e Joaquim Pimenta, inclusive lembrada pelo último, quarenta anos depois, ao escrever o prefácio d’*O Amor Físico e a Mulher*, de Adonias Lima, quando evoca suas irreverentes investidas, a altivez, o anticlericalismo, a defesa do amor livre, compondo a “fisionomia de seu espírito”, como formulado em Schopenhauer. Para Joaquim Pimenta, Adonias Lima é “a mesma personalidade que, quando éramos estudantes no Ginásio de Fortaleza e na Faculdade de Direito do Ceará, já revelava um temperamento insubmisso, uma índole irrefreável e rebelde a toda e qualquer tirania ou restrições à liberdade de querer, de sentir, de pensar (...)”. Cursino Belém refere-se a Adonias Lima, como “Um Novo de Idéias Novas”, “um insubmisso contra a leitura cristã do mundo e principalmente contra a organização social do Brasil”.¹⁸ A primeira edição d’*O Demolidor* é de 29 de fevereiro de 1908, saudada pelo sempre crítico João Brígido (diretor do *Unitário*) como o ingresso da mocidade num movimento de prestígio da razão. Em seu *Retalhos do Passado*, Joaquim Pimenta, rememorando os fatos ligados à criação do jornal, fala da influência da obra *Os Primeiros princípios*, de Spencer. Do primeiro contato com a obra revela que “longe estava de supor que tinha entre as mãos a máquina infernal que ia fazer soltar pelos ares a montanha de dogmas que eu acreditara graniticamente estratificados nas profundezas e ancestrais camadas do meu ser.”¹⁹

Mas, em 1908, quando funda *O Demolidor*, tem claro que sua leitura d’*Os Primeiros Princípios* esboçara “um quadro novo de realidade, mui diverso do que descreviam os livros de teologia e apologética”; como ainda da leitura *Le Socialisme*, de Colajanni, “que revelou o sentido das realidades sociais por uma concepção menos idealista, menos utópica ou antes, mais científica, mais racional, mais serena, da história e de suas transformações”.²⁰

O depoimento de Mário Linhares é ilustrativo acerca das mudanças que se estão operando nos espíritos:

As nossas reuniões se davam à noite num banco de jardim da praça do Ferreira. Joaquim Pimenta comparecia, a princípio, sobraçando um grosso volume de atas das sessões da Confraria de São Vicente de Paulo, de que era secretário. (...)

Raul [Uchoa], por vezes, imbuído das tendências evolucionistas, contraditava-o com calor. Mas logo se deu a reviravolta. Pimenta, com a leitura dos 'Primeiros Princípios', de Spencer e leituras marxistas, deixou-se impelir para rumos opostos, entregando-se, de todo, às mais avançadas doutrinas revolucionárias, esboroando, como um castelo de cartas, o edifício das velhas crenças e fazendo-se vexilário do ideal rubro.²¹

Abro aqui um parêntese para dizer que essas mudanças não se praticaram sem riscos e represálias. Não se pense que os embates ficaram circunscritos às acesas polêmicas nas páginas dos jornais, às réplicas, às conferências e aos floreios verbais dos púlpitos. Não raro a repressão chegava às "repúblicas dos estudantes", como evidencia esta notícia de Fortaleza publicada n'*A Voz do Trabalhador*.

(...) hoje o chefe de polícia mandou forçar as portas da casa do acadêmico Joaquim Pimenta e conduziu-o arrastado por quatro soldados daquela milícia, a sua presença, a fim de dar explicações sobre um artigo que publicou em um jornal dizendo que para defender-se das pancadas com que o ameaçaram pelo jornal oficial, tinha um magnífico revolver Mauser. Este fato causou indignação geral, principalmente no seio da classe acadêmica. O senhor Pimenta é um dos diretores da revista Terra da Luz e tem sido alvo de muitas manifestações de simpatia.²²

Como ainda nesse artigo de acento antimilitarista, comentando as reações e protestos contra a lei do sorteio militar, o jornal noticia que

(...) em Fortaleza, Ceará, foram distribuídos boletins contra o sorteio e contra o governo, sendo convocado o povo para um comício na praça pública. O chefe de polícia pôs imediatamente a força em movimento. O comício não se realizou. À noite, foi preso o estudante Alencar, por andar armado de carabina Mauser, e posto incomunicável.²³

As notícias, de fato, se ligam ao momento da reeleição de Accioly, em 1908, quando a onda de violência contra "a canalha das ruas", no dizer da imprensa da situação, atinge os estudantes do Liceu e da Faculdade de Direito; Joaquim Pimenta e Florêncio de Alencar no destaque. A esse respeito, o tom mordaz do verso de Antônio Sales é testemunho contemporâneo:

Nossa ex-terra da luz, onde domina
Dos Aciolis a treda dinastia,
Consta haver uma escola onde se ensina
Direito – até parece uma ironia
Contra os alunos dessa Academia
A polícia o seu raio fulmina,
e, ante o direito da pancadaria,
a força do direito se elimina.²⁴

O jornal *O Demolidor*, circulando em apenas cinco edições²⁵, fruto da reviravolta de que fala Mário Linhares, parece cumprir o vaticínio de Soriano de Albuquerque a respeito de Pimenta, seu aluno dileto: "– Ainda hei de vê-lo escrevendo contra os padres!" Segundo o relato de Pimenta, o jornalzinho é assim apresentado:

Em cada canto, no alto da primeira página, realçavam estes dois versículos, que redigira, estilo à Iracema:

Que o primeiro grito de revolta se eleve de nossas brancas praias, e os verdes mares bravios repercutam lá fora o hino de uma redenção nova!

E a jangada que libertou o primeiro escravo, transporte, para bem longe de nossas plagas, o último frade!²⁶

O vaticínio de Soriano de Albuquerque se cumpriria, largamente, nas páginas d'*O Demolidor*. Os artigos da lavra de Joaquim Pimenta exortam a mocidade independente a cerrar fileiras na Liga Contra os Frades, adotando a palavra de ordem: "Fechem-se os conventos! Abram-se as oficinas!" No artigo de abertura, não deixa dúvidas quanto à crença no verbo demolidor e demonstra seu pendor para as idéias anticlericais:

Basta que os leitores saibam que o elemento monástico é um cancro que mata uma sociedade, mata pelo servilismo, pela ignorância, pela falta absoluta de ar e de luz. O Brasil abre as portas aos frades que vêm do estrangeiro a nos roubar, a deturpar os nossos costumes, a explorar a nossa boa fé e a ingenuidade religiosa de nossos patrícios.²⁷

A primeira edição do jornal é anunciada pela farta distribuição de boletins "demolidores" contra os frades estrangeiros, publicados n'*O Unitário*. Seu primeiro número causa um certo rebuliço no meio provinciano: alimenta as rodas de conversa nos cafés, na Livraria do Araújo, serve de combustível aos sermões inflamados no púlpito e provoca algumas atitudes de franca hostilidade. Em Beberibe, o padre Paulino Nogueira impede a distribuição do jornal e devolve alguns exemplares anotados à margem com as expressões:

“Prostituição moral – Vampiro das almas – Mauvado! Bode preto! Figa! Pé-de-pato! – Bode emissário – Não volte mais, calunga – O fogo te persiga – Patife! Bandido! Safa! Maldito! – Sebo nojento – Lepra moral”.

O Demolidor pode ser lido como uma tentativa de certa ousadia de jovens acadêmicos de Direito e liceístas, que adotam como mote a presença dos frades estrangeiros no Ceará, realizando missões no interior e crendo recursos para a tarefa de abertura de escolas, para desenvolver uma campanha, via imprensa, pela expulsão dos frades. Digo alguma ousadia, porque a tarefa de editar um jornal cuja tiragem alcançara três mil exemplares, distribuído gratuitamente na capital e no interior, com alguma repercussão, parece ter sido apoiada pela Maçonaria e seu jornal, *O Oriente*, como atestam seus artigos de grada recepção d'*O Demolidor*, além da página de anúncios que deve auxiliar nos custos de impressão.

Importa reter do conteúdo do jornal a tentativa de polemizar com a imprensa de orientação católica (*Cruzeiro do Norte*), com os intelectuais católicos (Barão de Studart, Livreiro Araújo, Joaquim Nogueira) e com alguns padres (Clymerio Chaves, Paulino Nogueira, Valdevino Nogueira, Arimatéia Cysne). Importa reter também o fato de se constituir num experimento de divulgação de idéias contrapostas ao campo conservador de seu meio. Ainda que não se apresente claramente como um jornal anticlerical, alguns de seus articulistas expressam essa posição e afirmam uma via diferenciada de abordagem da moral e da religião, como é o caso de Adonias Lima e Joaquim Pimenta. Outro ponto a ser destacado é o intercâmbio da folha com jornais de orientação anarquista e anticlerical. A aproximação com a imprensa de outros estados se dá via Everardo Dias²⁸, militante gráfico espanhol, editor do *Livre Pensador*, de São Paulo, e, em plano local, coube a Moacir Caminha aproximá-los da leitura do *Novo Rumo* e a *Terra Livre*, do Rio de Janeiro.²⁹

É nesta cidade pequena, a Fortaleza de 1908, com pouco mais que cinquenta mil habitantes, que as novas idéias começam a circular, não sem atribulações para os pioneiros. Abelardo Montenegro, em seu estudo sobre Soriano de Albuquerque, informa que a orientação oferecida pelo professor a seus discípulos, na Faculdade de Direito, “só podia merecer o anátema da mentalidade dominante e rotineira, visto que Fortaleza não passava de um convento. A censura reprimia qualquer movimento de rebeldia social ou intelectual”.³⁰

Ainda que se aceite tal observação sobre o meio, há que lançar luzes sobre tantas iniciativas que rompem o círculo de giz do conservadorismo. Assim, mesmo extenso e com algumas imprecisões localizadas pela pesquisa empírica, reproduzo trecho das memórias de Joaquim Pimenta, para que se

observe em que condições nasce o jornal *O Demolidor* e sua repercussão em Fortaleza, ainda que tenha circulado em poucas edições:

Insinuadas por frades franciscanos, moças das principais famílias de Fortaleza invadiam em grupos, casas de comércio e detinham nas ruas transeuntes endinheirados, angariando donativos para a construção de um convento. Aquela generosidade forçada estava tomando proporções tão alarmantes, que bastava o grupo aproximar-se dos lugares mais freqüentados, para provocar verdadeira debandada. Até à Faculdade de Direito foram ter, causando rebuliço entre os professores que fugiam pelos fundos do prédio. Resolvemos então, por termo à exploração a que, de boa fé, se prestavam, espalhando pela cidade veementes boletins de protesto, com um aviso de publicação do jornal [*O Demolidor*].

Impresso em papel de ínfima qualidade, apenas quatro ou cinco colegas se decidiram a distribuir o primeiro número, receosos os demais de uma reação popular, que pressentiam inevitável, sobretudo, do elemento feminino, visceralmente vinculado à Igreja. De fato, tinham eles razão; apenas entregávamos um exemplar, era rasgado ou devolvido, num gesto brusco de repulsa.

A partir do segundo número, o ambiente se foi tornando mais brando, mais acolhedor, até que de todo se desfez com o relato copioso, que havíamos iniciado, de casos escabrosos e secretos ocorridos em mosteiros. Daí por diante, passara *O Demolidor* a ser disputado e lido com avidez, inclusive pelo sexo frágil, espicaçado pela mesma curiosidade que perdeu Eva no Paraíso. Não obstante tão vertiginoso êxito, não fomos além de cinco ou seis edições; nem seria possível manter o jornal por mais tempo, pois, imprimia-se à nossa custa, era gratuitamente distribuído, sem uma linha de anúncio.³¹

Nas páginas das revistas *A Fortaleza*, *Terra da Luz* ou d'*O Demolidor* os jovens estudantes de Direito vão adaptando, interpretando, assimilando o cabedal de novas leituras. Dessa experiência de desbravadores ampliando o mundo da província, Joaquim Pimenta, saído há pouco do sertão de Tauá, pobre, sacristão e membro da Confraria de São Vicente de Paulo, participa da reviravolta intelectual que se opera em alguns espíritos na Fortaleza dos idos de 1906. Sobre esse período da vida de Joaquim Pimenta eis o depoimento do contemporâneo Gustavo Barroso:

Justamente nesse momento [1906] e nesse clima surgiu em Fortaleza, vindo do alto sertão, onde estudara com os padres, um estudante feio, pobre e cabeludo. Trajava uma roupinha coçada e apresentava-se timidamente, mas logo se impunha pelo saber, sobretudo em latim e filosofia. (...) Lembro-me perfeitamente da primeira vez em que o vi, numa roda da praça do Ferreira, à noite, num banco em frente da Empresa Telefônica, explicando o sentido das orações ad petendam pluviam, que o bispo diocesano mandava recitar em

todas as paróquias com receio de nova seca. (...) O sertanejo latinista e filósofo encontrava na cidade a agitação política, envenenando os meios estudantis. Essa atmosfera o envolveu, o enrodilhou e o atirou nos braços da oposição. O prêmio foi a perseguição governamental expelindo-o para Pernambuco, onde se encarreirou. Tudo o mais em sua vida não passa de corolário disso.³²

É nesse quadro, onde se observa uma certa indiferenciação ideológica entre positivistas, socialistas, livres-pensadores, libertários e humanistas, que a imprensa de tendência anarquista vai aparecer em Fortaleza.

Sabe-se que nos primeiros anos do século XX as idéias anarquistas estavam dando os primeiros passos no Brasil. Uma década havia passado desde que o socialismo libertário começara a se exprimir no Rio de Janeiro, em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, por influência da presença ativa de imigrantes anarquistas italianos nos meios operários, a que se juntaram outros militantes provenientes de Portugal e da Espanha. Essas idéias revolucionárias não tardariam a atrair brasileiros inconformistas como Benjamim Mota e, mais tarde, Fábio Luz, Martins Fontes, Avelino Fóscolo, José Oiticica Edgard Leuenroth, para citar apenas os nomes mais conhecidos.

No trabalho *A Imprensa Libertária no Ceará* (1999), buscamos demonstrar que, de forma autônoma, no Ceará, viriam a se juntar ao anarquismo, livres-pensadores anticlericais e sindicalistas socialistas como Moacir Caminha, Joaquim Pimenta e Pedro Augusto Motta, que chegaram às idéias libertárias através das práticas de leitura e do conhecimento que se começava a ter em cidades como Recife e Fortaleza das idéias socialistas libertárias e da estratégia do sindicalismo revolucionário. Gestadas na Europa, essas idéias começavam então a se popularizar também na América, particularmente em países como o México, a Argentina, o Uruguai e o Brasil, através de trabalhadores imigrantes ou exilados, alguns dos quais já experimentados lutadores da causa social em seus países de origem.³³

Se é certo que o anarquismo não teve no Ceará a expressão e a vitalidade que manifestou em outros estados, particularmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, aqui ele esteve presente desde o começo do século XX, através da literatura libertária, do ativismo sindical e do associativismo, e originou grupos como o Clube Socialista Maximo Gorki, o Centro de Estudos Libertários, o Grupo Libertário Amigos d'A Plebe, o Comitê de Solidariedade aos Flagelados Russos, a Escola Operária Racional, a Escola Renascença e a Escola Humanidade Nova.

A imprensa libertária, que se expressou através d'*O Regenerador*, *Voz do Graphico* e *O Combate*, foi autora das manifestações da presença

libertária. Nesses jornais, resguardadas as especificidades de sua natureza e com as particularidades do meio em que atuaram, expressava-se o ideal do socialismo libertário e do sindicalismo autônomo que marcaram nessa época, os movimentos sociais no Brasil.

Alguns estudos tributários de visões generalizantes transpõem, de forma mecânica, explicações para as realidades marcadas pela presença dos imigrantes, como aqui:

Não é necessário sublinhar mais uma vez a predominância dos imigrantes europeus na formação inicial da classe operária brasileira, como também a importância, e mesmo a imprescindibilidade, desse elemento humano na determinação política das formas de luta adotadas pelas organizações de trabalhadores nos primeiros anos deste século.³⁴

Essa perspectiva de análise, em certa medida, tributária dos estudos que consagraram "o mito do imigrante radical", como bem anota Michael Hall, ao fazer tal generalização, com acento em termos como imprescindibilidade, determinação política, desconsidera o que é caro à História, "disciplina do contexto", como já ensinara E. P. Thompson. Desconsidera a especificidade das condições históricas objetivas de outras regiões. Assim, o estudo de um período em que grandes transformações estão em curso no Brasil - industrialização, urbanização, formação de novas classes sociais (as formas de realização do capitalismo) -, deve levar em conta as dimensões em que se realizam essas transformações em um dado contexto, sem prejuízo de estabelecer as interconexões mais amplas.

No Ceará, a presença anarquista se deu de forma endógena e não a partir da ação inicial de imigrantes, como aconteceu em outras regiões. A pesquisa empírica é demonstrativa da existência de núcleos militantes, no Ceará, dedicados à divulgação do pensamento anarquista e do sindicalismo revolucionário, estabelecendo inclusive contatos com seus congêneres em diversos pontos do país e do exterior. Aqui, a militância anarquista constituiu-se a partir da aproximação de intelectuais e trabalhadores do socialismo libertário, influenciados que foram por idéias recolhidas nos livros e noutras publicações e, como não podia deixar de ser, através do eco da ação e agitação que o anarquismo e o anarcossindicalismo desenvolviam em outras regiões do País.

A presença libertária no Ceará aparece também com a colaboração da anarquista e feminista Maria Lacerda de Moura no jornal *O Ceará* (1928), atendendo o convite da então jovem jornalista Rachel de Queiroz.³⁵

- ¹ Uma das memórias sobre manifestações de rebeldia dos jovens liceístas encontra-se em BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará. Memórias*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa Editor, 1940.
- ² À medida arbitrária do sorteio militar e recrutamento para o serviço da Armada, os catraieiros (estivadores) e demais trabalhadores do mar respondem com uma greve em 3 de janeiro de 1904. Ao ato de rebeldia segue-se forte repressão policial atingindo grevistas e populares, com registro de mortos e dezenas de feridos. Foram três dias de indignação contra o governo de Nogueira Accioly e intensa agitação em Fortaleza. Sobre o episódio da greve e sua repercussão na política local consultar FIRMEZA, H. *Crônicas escolhidas*. Fortaleza: Ed. Instituto do Ceará, 1965; THEOPHILO, Rodolpho. *A Libertação do Ceará (a queda da oligarquia Accioly)*. Lisboa: Typ. A Editora, 1914; MOTA, Aroldo. *História política...* Op. cit; MENEZES, Raimundo de. *Coisas que o tempo levou*. Fortaleza: Edésio Editor, 1938. Sobre o episódio da greve, há um interessante relato de Rubens de Azevedo, dando conta da agitação na cidade e de como Otacílio de Azevedo, Quintino Cunha e William P. Bernard e outros “destemidos tentaram sitiar o Palácio do Governo: começaram fazendo um comício para os catraieiros da praia do Meireles, e aos gritos de ‘pão ou revolução, conseguiram arremeter mais de 200 caboclos fortes, resolvidos, como eles, a tomar o governo. Ao desembocar pela Sena Madureira, viram as metralhadoras já apontadas em sua direção (...)” (AZEVEDO, Sânzio de. *A Poesia de Otacílio Azevedo*. In AZEVEDO, Otacílio de. *Trigo sem joio*. Fortaleza: BNB, 1986, p. 11). Sobre a participação de Francisco José do Nascimento (o Dragão do Mar) e a manifestação popular, ver GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. Fortaleza: A. Batista Fontenele, 1953; SOMBRA, Waldy. *A Guerra dos panfletos. Maloqueiros versus cafinsins*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998; e MOREL, Edmar. *Vendaval da liberdade*. Rio de Janeiro: Globo, 1967.
- ³ GIRÃO, Blanchard. *O Liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-Província. Memórias*. Fortaleza: ABC, 1997. Veja-se nesse depoimento do autor a caracterização do Liceu como lugar de possibilidades de expressão do protesto dos jovens estudantes: “Aquele clima de debate aberto, a manifestação dos sentimentos das camadas mais amplas do povo, ali representadas por centenas de meninos das classes sociais mais diversas, (...) me ajudaram a formar a alma libertária, antifascista (...) Hoje posso fazer uma avaliação segura do quanto o Liceu contribuiu para essa formação de amante da liberdade absoluta, de intransigente defensor dos direitos humanos, contra toda e qualquer forma de opressão, seja no campo religioso, no político, no filosófico. O liceu, colégio público, freqüentado por meninos e jovens de variadas origens, foi certamente o laboratório em que caldeei minhas idéias e sobre elas formei o meu caráter e pautei a existência. (...)” (pp. 26-27)
- ⁴ GIRÃO, Blanchard. *O Liceu e o bonde...* Op. cit., pp. 20-21.
- ⁵ NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974, p. 108.
- ⁶ ALENCAR, Edigar de. *Fortaleza de ontem e anteontem*. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980, p. 132.
- ⁷ ALBUQUERQUE, Soriano de. Fases de Desenvolvimento Mental Cearense. In *Folha do Povo*, 01/10/1913, p. 2.
- ⁸ MONTENEGRO, João Alfredo de S. *História da idéias filosóficas...* Op. cit., p. 43.
- ⁹ PIMENTA, Joaquim. *Golpes de vista*. Recife: Imprensa Industrial, 1930, pp. 20-21. Para dimensionar a influência intelectual de Soriano de Albuquerque, consultar MONTENEGRO, Abelardo F. *Soriano de Albuquerque. Um Pioneiro da Sociologia no Brasil*. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 1977; LIMA, Adonias. *Soriano de Albuquerque (Sua Influência na vida intelectual do Ceará)*. Fortaleza: Typ. Commercial, 1915; e MONTENEGRO, João Alfredo de S. *A Visão cientificista aperfeiçoada de Soriano de Albuquerque*. In *História da idéias filosóficas da Faculdade de Direito do Ceará*. Fortaleza: Ed. UFC, 1996, pp. 31-46.
- ¹⁰ Um depoimento sobre Genuíno de Castro (1883-1937): “Aqui chegando, desempregado, tímido e traído, não teve outro jeito senão empregar-se como mata-mosquito. Ele que fora redator de revistas e membro da Academia Rebarbativa, ao lado de Mário Linhares, Raul Uchoa, Jaime de Alencar e Joaquim Pimenta, abandonou os amigos, mergulhando na mais triste solidão. (...) Talvez envergonhado de seu emprego, Genuíno de Castro fugiu ao convívio dos amigos e nunca mais apareceu nas rodas literárias.” (AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza descalça. Reminiscências*. Col. José de Alencar. Fortaleza: Edições UFC/PMF, 1980, p. 190).
- ¹¹ A revista impressa na Tipografia Minerva circula no período de 06/10/1906 a 06/10/1907 (doze edições). Publica ensaios, crônicas, sonetos, notas bibliográficas, entre outros. Sua página de rosto traz versos (Joaquim de Sousa, Adolfo Caminha, Bonfim Sobrinho, Álvaro Martins) e trechos de obras de Clóvis Bevilacqua, Farias Brito e Rocha Lima. Além do corpo redatorial, colaboram n’*A Fortaleza*, Soriano de Albuquerque, Francisca Clotilde, J. Aguiar, Cruz Filho, Assis P. Nogueira, Júlio Maciel, Antônio de Oliveira, Júlio C. Monteiro, Josias Goyanna, Rodolpho Theophilo, Ulysses Bezerra, Juvenal Galeno, Miguel Cunha, Affonso Lima, Assis Braga, Adonias Lima, G. Katunda, entre outros.
- ¹² *A Fortaleza*, ano I, nº 4, 17/01/1907. Fortaleza.
- ¹³ *A Fortaleza*, ano I, nº 1, 06/10/1906. Fortaleza.
- ¹⁴ Antônio Pedro de Figueiredo, em sua tentativa de sistematização, na revista *O Progresso*, das idéias que chegam da Europa, realiza um esforço de observação e análise das realidades específicas de seu tempo e espaço, sem que as idéias difundidas sejam mero exercício de transplante cultural ou mimetismo do pensamento em voga nos círculos mais progressistas da Europa, em particular da França. Em suas seções *Exterior* e *Páginas Informativas*, trata do avanço tecnológico e das ciências naturais como condição essencial de progresso, como bem anota Gláucio Veiga: “não descurou nem alheou uma autoconsciência”. Para Veiga, Figueiredo bem pode ser justamente apreciado como exemplo de “letrado à força do método”. Diferença fundamental em Figueiredo, pois que vigência do Brasil do novecentos é ser “letrado à força do estudo”, daí a ausência de “ortodoxias ideológicas”, o ecletismo, derivados da aquisição de conhecimentos por acumulação de autores e teorias européias, sem sentido crítico e como “esforço de colagem de instituições européias no Brasil”. (VEIGA, Gláucio. *História das idéias...* Op. cit., p. 122).
- ¹⁵ DUARTE, Regina Horta. Elisée Reclus, geografia e anarquismo – visões da revolução. In *LPH: Revista de História*, v. 3, nº 1, p. 87. Ouro Preto: Dep. de História/UFOP, 1992.
- ¹⁶ *O Demolidor*, nº 4, 18/04/1908. Fortaleza. Faça aqui um reparo às anotações anteriores sobre este jornal, que apresentavam-no como *Órgão da Liga dos Confrades*.
- ¹⁷ Além dos citados redatores, são colaboradores d’*O Demolidor* Lourenço Moreira Lima,

- Sylla Ribeiro, Junqueira Guarany, Francisco Rufino dos Santos, Júlio de Oliveira, Gil Amora, G. Catunda Gondim, Moacir Caminha e Everardo Dias, entre outros.
- ¹⁸ LIMA, Adonias. *O Amor físico e a mulher*. Prefácio de Joaquim Pimenta. Rio de Janeiro: Ed. Livraria Comercial, 1949, p. 5. Ver também BELÉM, Cursino. *Um Novo de idéias novas* (Adonias Lima). Fortaleza: Typ. Commercial, 1916 (com uma carta de Farias Brito).
- ¹⁹ PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado*. Op. cit., p. 76.
- ²⁰ PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado*. Op. cit., p. 86.
- ²¹ LINHARES, Mário. *Raul Uchoa*. In *Almanaque do Ceará*. Fortaleza: Tip. Royal, 1955, p. 102.
- ²² *A Voz do Trabalhador*, ano I, nº 4, 15/08/1908. Rio de Janeiro.
- ²³ *A Voz do Trabalhador*, ano I, nº 5, 22/11/1908. Rio de Janeiro.
- ²⁴ SOMBRA, Waldy. *A Guerra dos panfletos. Maloqueiros versus cafifins*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1998, p. 64. O testemunho de Antônio Sales, sobre a violência no período, encontra-se em seu *O Babaquara – Subsídios para a história da oligarquia do Ceará*, publicado em 1912, sob o pseudônimo de Martim Soares.
- ²⁵ Joaquim Pimenta informa em suas *Memórias* o número de cinco ou seis edições; esta pesquisa localizou cinco edições, distribuídas no período de 29 de fevereiro a 9 de maio de 1908.
- ²⁶ LINHARES, Mário. *Raul Uchoa*. Op. cit., p. 80.
- ²⁷ *O Demolidor*, nº 1, 29/02/1908. Fortaleza.
- ²⁸ Everardo Dias foi colaborador do jornal *A Plebe* e redator em vários jornais. Um dos fundadores do Grupo Clarté no Brasil, publicou *Memórias de um exilado, Jesus Cristo era anarquista* (com o título posteriormente mudado para “era socialista”), *Bastilhas modernas e História das lutas sociais no Brasil*.
- ²⁹ *O Livre Pensador*, editado em São Paulo por Everardo Dias, apresentava-se como órgão ilustrado do livre pensamento do Brasil, adotando como dístico “*Moral, progresso, verdade, liberdade, igualdade, fraternidade, ciência, justiça, trabalho*”. *O Novo Rumo* (Rio de Janeiro), órgão socialista anárquico, circulou de 1905 a 1908. Teve como redatores Luis Magrass e, na segunda fase, Mota Assunção. *A Terra Livre*, jornal anarquista, circulou de 1907 a 1910. Adotava como dístico “*O homem livre sobre a terra livre*”, de Goethe. Teve como redatores e colaboradores Neno Vasco, Edgar Leuenroth, Paul Berthelot, Mota Assunção, entre outros. Para maiores informações, consultar RODRIGUES, Edgar. *Pequena história social da imprensa no Brasil*. Florianópolis: Insular, 1997.
- ³⁰ MONTENEGRO, Abelardo F. *Soriano de Albuquerque...* Op. cit., p. 56. Ver também LIMA, Adonias. *Soriano de Albuquerque (Sua Influência na vida intelectual do Ceará)*. Fortaleza: Typ. Commercial, 1915.
- ³¹ PIMENTA, Joaquim. *Retalhos do Passado*. Op. cit., p. 90. Essa lembrança d’*O Demolidor* traz algumas imprecisões: o número de edições (cinco ou seis), ausência de anúncios (o jornal tem uma página de anúncios em todas as edições), a repulsa ao jornal (a publicação de cartas, os pedidos de assinatura e os comentários favoráveis na imprensa local contrariam a informação).
- ³² BARROSO, Gustavo. *Liceu do Ceará*. Op. cit., p. 159.
- ³³ A história das idéias socialistas no Brasil é bem mais longa e rica que o registro historiográfico feito sobre elas. Necessário, pois, reconstituir suas múltiplas experiências que se iniciam com as manifestações do socialismo utópico, por volta de 1840, quando Vauthier, Derrion

e Mure contribuem para divulgar as idéias de Fourier, e vão ganhando cada vez mais importância com a chegada de exilados da Comuna de Paris (1871) e dos anarquistas italianos, que criaram a Colônia Cecília (1890), a que se juntaram, no final do século XIX, outros trabalhadores anarquistas espanhóis e portugueses. O estudo da ação não apenas destes imigrantes, mas a dos brasileiros que compartilharam suas idéias, é condição de possibilidade para apreender a riqueza dos registros firmados através de uma imprensa social que, aliada a outros mecanismos de auto-educação, constróem no Brasil a via de um sindicalismo autônomo e de ação direta, que marcaria as lutas sociais e a formação de uma cultura operária anticapitalista.

³⁴ ALMEIDA, Paulo Roberto de. Internacionalismo proletário no Cone Sul. A Experiência internacional do sindicalismo brasileiro em princípios do século. In *Resgate. Revista de Cultura*, nº 3, p. 34. Campinas: UNICAMP/Centro de Memória, 1991.

³⁵ Ver exemplo dessa presença em GONÇALVES, Adelaide & SILVA, Jorge. Maria Lacerda de Moura – uma anarquista individualista brasileira. In *Utopia. Revista Anarquista de Cultura e Intervenção*, nº 9, pp. 95-105. Lisboa: Associação Cultural A Vida, 1999.

América do Sul. O objetivo deste texto é discutir a formação de uma identidade de classe entre trabalhadores marítimos fluviais que percorriam os rios da Bacia Platina, no início do século XX, criando as ligações entre as capitais Montevideo, Buenos Aires, Assunção e a cidade mar-gueirana de Curitiba. No período estudado, os movimentos de resistência operária, como as greves, motins e a formação de grupos e sindicatos, estavam presentes em todas as regiões citadas. Na literatura, a categoria dos tripulantes de navios cruzava pela transnacional e organização.

PALAVRAS CHAVE

Trabalhadores, Bacia do Prata, Curitiba

ABSTRACT

For many centuries, the rivers were the most efficient natural roads, sometimes were the only route, for communication, for merchandise transport and for movement of people inside South America. The objective of this text is to discuss the construction of a class identity among the maritime-fluvial workers that traveled along the rivers of the Bacia Platina at the beginning of the 20th century, linking the capitals of Montevideo, Buenos Aires, Assunção and Curitiba, a city of the Brazilian State of Mato Grosso. In the studied period, the typical workers' movements of resistance like strikes, rebellions and the construction of associations and unions, were present in the mentioned region. In the literatures, the crews of civil ships were remarkable by their organization and combativeness.

KEY WORDS

Workers, Bacia do Prata, Curitiba